

seu
fosse um
clichê

JULIA RIETJENS



Copyright © 2020 Julia Rietjens • 1ª edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo, sem a autorização escrita de Julia Rietjens. A Editora não se responsabiliza por eventuais danos causados pelo mau uso das informações contidas neste livro.

Capa: Magrelissa

Lettering de capa: Yasmin Sandrini

Projeto gráfico: Aline Gongora

Diagramação: Marcella Pavani

Revisão: Thaís Nacif

Finalização: Nathalia Ferrarezi

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Ficha catalográfica elaborada por
Liliane Castro — Bibliotecária CRB-8/6748

R563s Rietjens, Julia
 Se eu fosse um clichê / Julia Rietjens – 1. ed. - São Paulo: Amélie Editorial,
 2020.
 192 p.

ISBN 978-65-86652-05-5.

1. Literatura Brasileira. 2. Romance brasileiro. 3. Diversidade Sexual. I. Título.

CDD: B869.3
CDU: 821.134.3(81)



SE EU FOSSE UM CLICHÊ É O LIVRO N. 40 DA AMÉLIE.
QUANDO CHEGA A HORA, PRECISA SALTA SEM HESITAR.
SEJA UM AUTOR INDEPENDENTE. PUBLIQUE COM A AMÉLIE!
ENVIE SEU ORIGINAL PARA ANÁLISE: PLANEJAMENTO@AMELIEEDITORIAL.COM.

 WWW.AMELIEEDITORIAL.COM   AMELIEEDITORIAL

“Eu encontrei-a e quis duvidar
Tanto clichê deve não ser
Você me falou pr’eu não me preocupar
ter fé e ver coragem no amor”
Último Romance – Rodrigo Amarante

Se houvesse encontros no banheiro

Alicia Thompson é a própria definição do clichê norte-americano de comédia romântica: alta, loira, indiscutivelmente bonita. E, é claro, muito popular.

Nós temos algumas aulas juntas, mas a garota nunca olhou para mim por mais do que dois segundos. E, a única vez que consegui chamar sua atenção, foi porque havia tropeçado em meus próprios pés e esbarrado nela sem querer, não importa o que Susie diga. Minha amiga ainda quer me fazer acreditar que aquela foi uma ação do destino, mas eu não sou tão iludida assim.

Sem sombra de dúvidas, Alicia é a menina mais desejada da escola. Capitã do time de líderes de torcida, ela praticamente comanda a Ellsworth High. Tudo parece girar ao seu redor. Cada acontecimento do colégio, de alguma forma, está relacionado a Alicia.

Por exemplo, sei que o verão está prestes a começar quando noto suas longas pernas nuas cruzando o corredor

da Ellsworth High School. Que se dane o código de vestimenta; Alicia é quem dita as regras. Por isso, ninguém a importuna por estar usando uma minissaia justíssima, que realça o bronzeado recém-adquirido em suas coxas durante o fim de semana.

Eu mesma olho para minhas roupas largas demais, mas que são extremamente confortáveis. Talvez eu devesse mudar meu estilo, ser mais ousada. Talvez assim ela me notasse.

Os pensamentos sobre minhas roupas vão embora rapidamente, pois Alicia está passando em frente ao meu armário naquele exato segundo. Levanto os olhos para dar uma última espiada em seus longos cabelos loiros, antes que ela vire para o próximo corredor. Infelizmente. Eu posso ficar admirando seus cabelos durante horas e ainda escrever um poema sobre como a luz bate nos fios mais claros, fazendo-os parecer como ouro. O que é admirável, considerando que redação é minha pior matéria.

Solto um suspiro audível e ganho em troca um leve soco no ombro.

— Quer parar de babar? — Toby ri, mas também está encarando o ponto onde Alicia desapareceu, como se pudesse ver o caminho pelo qual ela seguia através das paredes.

Ajeito meus livros no colo, ignorando o comentário. Ele adora pegar no meu pé só porque tenho um leve *crush* na garota mais popular do colégio.

Típico. Poderia me apaixonar por qualquer menina dessa escola, inclusive aquelas que também são abertamente lésbicas, mas é claro que tive que virar um clichê ambulante e gostar da rainha suprema da Ellsworth High School. Que, diga-se de passagem, até mês passado estava namorando um cara.

— Você não é muito diferente — diz Susie, repreendendo meu amigo com um revirar de olhos. Ela se encosta no armário ao lado e também encara o corredor por onde Alicia sumiu. A única diferença é que ela faz uma careta.

De nós três, Susie é a única que não acha que Alicia merece toda a atenção que recebe.

— Não acredito que vocês continuam achando aquela *padrãozinha* tudo isso.

Susan Cotton é minha melhor amiga desde que tínhamos 6 anos de idade. A família dela se mudou para a minha rua e ela entrou na mesma turma que a minha, por isso pegávamos o mesmo ônibus para ir à escola. Eu gostava do seu jeito meio mal-humorado e do seu amor inexplicável pelos animais. Ela gostava dos meus óculos e da minha estante de livros. Foi assim que nos tornamos inseparáveis.

Toby fecha a porta do seu armário com um estrondo e ajeita a mochila nas costas. Ele usa óculos que sempre escorregam por seu nariz. Não me pergunte por que nunca os levou à ótica para serem arrumados.

Lançando um olhar superior para Susie, ele retruca:

— Não acho ninguém *tudo isso*, Cotton. — Ele faz aspas com os dedos para indicar o “tudo isso”. — Não sei do que você está falando.

Mas é claro que ele acha. Quer dizer, é impossível não achar. Alicia é, *sim*, tudo isso.

Às vezes eu penso que Susie faz esse tipo de comentários só para mascarar uma pontada de inveja que sente de Alicia. Não que ela queira ser loira, alta e magra, mas Susie também não é muito popular. Sei que ela se ressentia por não chamar tanta atenção como as outras garotas *padrãozinhas*, para usar suas próprias palavras.

Afinal, no colegial, parece que você só é feliz se for conhecida, convidada para as festas, eleita rainha do baile e namorar um cara que entrará na faculdade por uma bolsa atlética.

E, bem, nós três não nos encaixamos em nenhuma dessas categorias.

Minha amiga abre a boca para retrucar, mas sou mais rápida. Passo meu braço pelo dela e a puxo para longe dos

armários. Não estou a fim de presenciar mais uma das intermináveis discussões entre os dois.

— Vamos logo, pessoal — falo. — Não quero me atrasar.

Seguimos até a sala do sr. Cashwell, o professor de álgebra. Ao contrário dos meus amigos reclamões, eu sou muito boa em matemática e até gosto da matéria.

A maioria dos alunos já está na sala quando entramos. A ordem da classe é muito simples: as pessoas que realmente se importam com seu futuro se sentam na frente, aqueles que fingem não se importar se sentam no meio e os outros, que realmente não estão nem aí, ficam ao fundo.

Eu sempre me sento na primeira carteira, independentemente da matéria. Sim, eu me preocupo com meu futuro, mas talvez por razões diferentes daquelas dos meus vizinhos de mesa. Quando se vem de uma família latina e tem a cor da pele um pouco mais escura, você precisa se importar três vezes mais com o que acontece depois da escola. Ninguém nunca o leva a sério o suficiente. Por isso, preciso estudar.

Eu me separo de Susie somente quando paramos em frente a minha carteira. Do fundo da sala, começamos a ouvir as costumeiras risadinhas que geralmente fazem minha pele arrepiar.

Não sei por que levanto os olhos e espio os babacas populares que cochicham e nos encaram.

Jeffrey Sand, o capitão do time de basquete, garoto mais popular (e mais babaca) da escola, rei do baile de formatura e ex-namorado de Alicia Thompson, percebe que suas gargalhadas chamam minha atenção. Consigo prever exatamente o que vai acontecer, mas, mesmo assim, continuo encarando-o.

Ele abre um sorriso de lado cheio de cinismo; um sorriso que infelizmente conheço muito bem e que sempre vem acompanhado de alguma maldade explícita.

— Ora, ora, se não é o trio de namoradas — zomba ele, fazendo todos os seus amigos babacas rirem em coro.

Toby abaixa a cabeça na mesma hora e se senta, fingindo não ter ouvido o comentário. Só porque ele está sempre acompanhado de mim e Susie as pessoas acham que ele é gay. Ainda que fosse, nunca entendi a graça daquelas piadinhas ridículas.

Mas, sendo um garoto hétero que só tem meninas como companhia na maioria do tempo, Toby se sente extremamente ofendido com as brincadeiras.

Não que ele não tente se encaixar em outras turmas, mas Toby entrou na escola no começo do colegial, três anos atrás, e, naquela época, todos tinham seu próprio grupinho e não queriam aceitá-lo. É um trabalho difícil encontrar amigos em uma cidade pequena como Ellsworth. Por isso, ele ficou preso a mim e Susie, que éramos um grupo de duas pessoas. Nós o aceitamos de braços abertos e percebemos que realmente tínhamos muita coisa em comum. Desde então, somos inseparáveis.

Pelo canto do olho, vejo Susie trincando o maxilar com força.

— Ah, desculpe, Susan — continua Jeffrey, fazendo uma expressão de culpa fingida. — Não sabia que você não gostava de dividir a latina. — A última palavra sai com tanto nojo de sua boca que me sinto suja.

É isso que ele faz comigo: odiar minhas origens. *Mami* iria ficar desapontada comigo se pudesse ler meus pensamentos agora.

Sempre tive reflexos bons, por isso agarro o braço de Susie no instante em que ela ameaça jogar um livro na cabeça do capitão babaca.

— Susie, não — falo em voz baixa. — Não vale a pena.

Ela resmunga alguma coisa que não consigo ouvir, mas que com certeza é um xingamento direcionado a Jeffrey. Eu

mesma viro as costas e me sento, tentando ignorar os risinhos vindos do fundo da sala.

Susie foi a primeira pessoa para quem contei sobre minha sexualidade. Ela foi mais do que compreensiva, o que me traz lágrimas aos olhos até hoje. Sempre tive medo de que um dia ela pudesse se cansar de ser a melhor amiga da latina lésbica. Felizmente, Susie é a melhor pessoa que já conheci e nunca me tratou diferente só por saber que eu gostava de meninas.

Com Toby também não foi diferente. Quando falei que era lésbica, ele simplesmente abriu um sorrisinho, levantou um braço em sinal de *high five* e disse:

— Pelo menos temos alguma coisa em comum.

Meio contrariada, bati em sua mão, mas não deixei de revirar os olhos. Esse era o jeito dele de dizer que estava tudo bem em ouvir meus desabafos amorosos.

Desde que percebi que, na verdade, sempre gostei de meninas e me assumi para os meus pais, nunca escondi minha sexualidade para ninguém na escola. Já cheguei a namorar abertamente uma intercambista italiana dois anos atrás e, honestamente, achei que ninguém fosse se importar. Há vários casais gays pelos corredores andando tranquilamente, e nós estamos em 2019, *Díos mio!* Mas é claro que alguns babacas do time de basquete iriam implicar comigo e continuam implicando até hoje.

Eu só quero entender: desde quando o fato de eu ser lésbica faz, automaticamente, meus amigos serem homossexuais também?

A frustração e a raiva que sinto desses meninos mimados são intensas. Quero ter a coragem de me impor, de gritar algo de volta, de usar palavras que os machuquem da mesma forma que me machucam.

Mas não consigo.

E o sentimento é horrível. Sufocante.

— Senhorita Galván?

Fecho as mãos em punhos. Não vai demorar muito para esse inferno acabar. Logo irei me formar e não vou precisar olhar na cara desses idiotas nunca mais.

— Senhorita Galván?!

Sinto um cutucão em meu ombro e levanto a cabeça, notando que todos estão prestando atenção em mim. Susie me olha com certa preocupação e então aponta com a cabeça para a frente da sala.

O sr. Cashwell está me encarando como se esperasse uma resposta. Só então me dou conta de que estava tão absorta em minha raiva que não percebi quando ele me chamou.

— S-sim? — gaguejo, sentindo a garganta seca.

— A senhorita está se sentindo bem? — Ele é o único professor que ainda trata os alunos por “senhorita” e “senhor”. É um homem velho e meio antiquado, mas tem um bom coração. Eu gosto dele.

— Hã, sim. Eu só... é... preciso ir ao banheiro — respondo, já me levantando da carteira.

Sem esperar por qualquer confirmação, me retiro da sala.

Do lado de fora, já consigo respirar melhor. Não posso deixar Jeffrey Sand entrar na minha cabeça desse jeito! Ele não vale tudo isso.

Decido ir, de fato, até o banheiro. Talvez passar uma água no rosto alivie a sensação de estar suja que ele deixa em minha pele toda vez que se dirige a mim.



O barulho do xixi caindo no vaso sanitário é meio irritante. Como o lugar está vazio, qualquer som vira um eco insuportável. Tento apressar meu corpo o máximo possível, pois agora já me preocupo em estar perdendo aula.

Estou abotoando as calças, quando a porta do banheiro se abre com um ranger audível. Alguém passa pelas cabines

em passos rápidos, por isso levo meio segundo para identificar o par de sapatos que vejo por baixo da porta.

Não é muito difícil reconhecer aquelas sandálias. Respiro fundo algumas vezes, tentando ouvir. Mas Alicia foi até o fim do banheiro e agora está em silêncio. Será que entrou em alguma cabine?

Espero alguns segundos, tentando ouvir algo, mas tudo está tão quieto que começo a achar que estou imaginando coisas. Eu penso tanto nela que agora estou vendo seus sapatos por aí? Que loucura!

Então saio da cabine, convencida de que estou ficando doida. Sempre soube que nutrir uma paixão platônica não era uma boa ideia, mas isso já está beirando o ridículo. Eu realmente preciso sair mais de casa e conhecer pessoas, como *mami* sempre diz.

Vou até a pia, notando um cheiro meio esquisito, de fumaça. Abro a torneira, tentando identificar o cheiro, quando ouço:

— Oi.

Dou um grito e me viro para tentar encontrar a dona da voz, espirrando água para todos os lados. Meu coração está tão acelerado que parece prestes a sair pela boca.

— *Putá merda!* — digo, colocando as mãos no peito. — Você quase me matou de susto!

Sentada no parapeito da janela com um cigarro na mão, está Alicia. É realmente Alicia, não um fruto da minha imaginação.

Ela ergue as sobrancelhas, como se desaprovasse o estado em que me encontro. Isso faz com que eu fique superconsciente do meu corpo e de minhas roupas. Tento alisar a blusa para fazê-la parecer mais apresentável.

— Desculpe, não quis assustá-la — responde Alicia, e então leva o cigarro até a boca para dar uma tragada. O movimento é estranhamente hipnótico.

Eu a observo meio boquiaberta. Por que a menina mais popular da Ellsworth High está falando comigo? Por que eu não consigo pensar em nada para responder a ela? Por que ela parece tão diferente?

— Tudo bem... — respondo, mais calma.

E então me viro para a pia novamente, onde a água ainda está caindo. Enquanto lavo as mãos, fico observando-a pelo espelho.

Alicia traga o cigarro mais algumas vezes e vira a cabeça para o lado de fora, olhando para a paisagem de um jeito vago. Franzo o cenho ao perceber por que ela parece diferente.

No lado externo do seu pescoço, quase na nuca, há uma marca roxa. Por um instante, penso que é um chupão, mas logo noto mais três marcas iguais. Como dedos. Como se alguém tivesse tentado enforcá-la.

Fecho a torneira no mesmo instante, alerta. Os olhos de Alicia estão vermelhos e inchados, como se estivesse chorando até instantes atrás.

Lentamente, puxo dois papéis do *dispenser* e seco as mãos, ainda olhando para ela pelo espelho. Caminho até o lixo, pensativa. Pode ser que Alicia simplesmente curta algum tipo de sexo selvagem... Ou talvez não. Talvez seja algo mais sério.

Qualquer que seja a alternativa, subitamente fui tomada por um ímpeto de coragem. Essa era minha chance de trocar mais do que duas frases com ela. E minha chance de mostrar que eu me importava.

— Sabe... — começo, virando para ela novamente. Alicia volta os olhos azuis para mim e coloca o cigarro na boca de novo. Esse é o convite que preciso para continuar falando. — Quem quer que tenha feito isso com você... te magoado... saiba que ele é um babaca.

Ela passa alguns segundos me analisando. Então sopra a fumaça para fora e dá um meio sorriso.

— Por que você acha que foi um cara que fez isso? — Ela puxa o colarinho da blusa ainda mais para baixo, mostrando toda a extensão dos seus machucados.

Há marcas de unhas e mais alguns roxos pelo seu ombro. Provavelmente suas costas também estão assim. Contenho um calafrio.

Então realmente algo mais sério aconteceu.

— Duvido que alguma garota pudesse ser tão cruel... — comento.

— É o que você pensa — retruca ela em voz baixa, ajeitando a blusa para esconder as marcas novamente. — Qualquer pessoa pode ser cruel.

Ergo as sobrancelhas, um tanto assustada com seu comentário. Quero muito perguntar o que aconteceu, mas não quero parecer intrusiva. De qualquer forma, duvido que ela me responderia.

— Isso é ótimo, não é? — Alicia solta de repente, dando uma última tragada no cigarro. — Você encontra Alicia Thompson fumando no banheiro coberta de marcas. Você, uma Zé-Ninguém nessa escola. Bem, pode sair espalhando por aí. Eu não ligo. — Ela apaga o cigarro no parapeito e então joga a bituca para fora. Pula da janela, pousando delicadamente no piso de azulejo. — Nada disso importa, na verdade.

— Eu não vou falar nada, Alicia — digo e sou sincera.

Alicia parece tão... quebrada. Além do mais, isso não é algo que se conte às pessoas. Sei como os olhares de dó e pena lançados em sua direção são horríveis, e às vezes machucam ainda mais que os olhares de ódio.

— Que se dane — retruca ela. Noto que seus olhos estão cheios de lágrimas novamente. — Isso aqui — ela abre os braços, se referindo à grandiosidade da escola — não é a vida real. É uma ilusão. Mas a gente vai embora em algumas semanas e não restará nada desse mundinho perfeito em que

vivemos. Ficaremos à mercê do mundo real. — Ela se aproxima de mim, meio fora de si. Agarra meus braços e sinto meu coração disparar. Sei que deveria estar preocupada com sua reação, mas tudo em que consigo pensar é *Ai, Díos mío, Alicia Thompson está me tocando*. — Mas será que as pessoas aguentam o mundo real? Você aguenta, Elena?

Engulo em seco. Não fazia ideia de que Alicia sabia meu nome.

Ela se afasta antes que eu tenha tempo de responder.

— A perfeita Alicia Thompson não é tão perfeita assim, não é mesmo?

— As pessoas sabem que ninguém é perfeito, inclusive você — digo. Ela me lança um olhar que claramente diz que minha resposta não era o que ela esperava. — Mas tudo bem se você gosta de se mostrar como uma pessoa perfeita. Não vou te julgar. Então aproveita que estamos só nós duas aqui e chore. Fume mais um cigarro. Libere todos os sentimentos que estão dentro de você. E depois podemos sair e você voltará a ser a Alicia perfeita que todos conhecem e amam.

Por um momento, acho que falei besteira. Quando tenho a oportunidade de dizer qualquer coisa para a menina dos meus sonhos, dou um discurso motivacional meia boca. Nunca fui boa em dar conselhos, Susie que o diga.

Mas logo Alicia abre um sorriso fraco, que parece ser o único sorriso sincero que ela abriu hoje.

— É difícil... — murmura ela e, no segundo seguinte, já está chorando em meu ombro.

Ficamos as duas ali durante um bom tempo. Eu meio que sirvo de apoio, meio que abraço Alicia enquanto ela chora e murmura coisas incompreensíveis.

Nunca pensei que acordaria naquela manhã, iria para a escola e encontraria minha paixão platônica chorando no banheiro. E que ainda teria a oportunidade de *tocá-la*.

Acho que vou desmaiar. Mas então me lembro que ela foi praticamente espancada e que é por isso que estamos juntas. Consigo me controlar.

Quando Alicia finalmente se acalma, ela se afasta de mim e murmura:

— Obrigada.

Então se vira e começa a retocar a maquiagem em frente ao espelho.

— Eu sei que você disse que não iria falar nada para ninguém, mas... — começa.

— Eu não vou — digo rapidamente. — Ninguém acreditaria em mim mesmo.

Nós duas soltamos uma risada baixa e meio constrangida.

— Mas talvez você devesse falar sobre isso — aponto para os roxos em seu pescoço — com alguém. Não precisa ser comigo. Mas parece algo sério... Talvez a psicóloga da escola possa ajudar.

Ela dá de ombros.

— Não foi nada, eu só estava exagerando. — Alicia me corta.

Tenho a sensação de que ela coloca a máscara de Alicia Perfeita nesse momento. Então entendo que não vai adiantar nada eu tentar pressioná-la.

— Bem, a gente se vê por aí — falo, seguindo para a porta do banheiro, que, só agora me dou conta, estava trancada esse tempo todo.

— Ei, Elena.

— Pode me chamar de Lena. — Viro-me para olhá-la novamente.

Alicia sorri.

— Obrigada mais uma vez. Às vezes, tudo o que a gente precisa é desabafar com uma estranha no banheiro.

Eu sorrio em resposta. Ah, se ela soubesse como eu queria ser muito mais do que uma estranha...



Sobre a autora

Julia começou a escrever aos 12 anos. Desde então, tem passado boa parte do seu tempo criando histórias mirabolantes em sua cabeça. Nem todas viram livros, mas as que viram se transformam em suas maiores obsessões, do tipo de não conseguir parar de escrever.

Leitora assídua, está construindo sua biblioteca particular aos poucos. Também não se importa em emprestar livros – aliás, acredita que essa é a melhor forma de estimular a literatura.

Tem várias obras publicadas gratuitamente no Wattpad, sob o perfil @autorajrietjens, além de livros disponíveis na Amazon e no Kindle Unlimited. Sonha conseguir publicar ainda mais!

Acompanhe a autora nas redes sociais:

Instagram: @juritjens

Twitter: @juritjens

Facebook: Autora Julia Rietjens

Podcast Spotify: Vivendo de Escrita

Blog: juliarietjens.wordpress.com

Quer continuar lendo?

Garanta seu exemplar de Se Eu Fosse Um Clichê físico ou em e-book.

Mais informações no link abaixo:

Comprar Se Eu Fosse Um Clichê



PUBLICADO PELA AMÉLIE
NO INVERNO DE 2020